

Os Discursos de Dion Crisóstomo: Abordagens e Propostas de Estudos

ROSSI, Andrea L. D. O. C. (UNESP/Assis)¹

A comunicação que se apresenta é resultante de reflexões desenvolvidas no projeto de Pós-Doutorado a ser desenvolvido sob a supervisão do Prof. Dr. Pedro Paulo Abreu Funari junto ao Núcleo de Estudos Estratégicos da Universidade Estadual de Campinas no período de abril de 2008 a março de 2010.

Sobre a documentação de Dion Crisóstomo (identificado postumamente com esta alcunha), conhecido em vida como Dion de Prusa ou Dion Cocceianus, vale ressaltar que tem sido pouco estudada pela academia contemporânea internacional. Até o momento, e pelo que se tem conhecimento, apenas a autora desta comunicação tem trabalhado com o filósofo prusense em língua portuguesa. Christopher Jones, Giovanni Salmeri, Aldo Brancacci, Paolo Desideri, John Moles, Harry Sidebottom, Simon Swain e Tim Withmarsh têm publicado trabalhos sobre ele nos últimos 25 anos. Mas de certo modo, a crítica a este autor tem sido pautada na dificuldade documental. Esta visão foi herdada da retomada de sua análise documental oriunda no Século XV quando o jovem Franciscus Philelphus, após viajar para Constantinopla como secretário do cônsul veneziano, retornou em 1427 carregado com textos gregos, entre eles o “Discurso sobre os Troianos” do então pouco conhecido filósofo retórico, Dion Crisóstomo. Em sua jornada marítima de retorno, Philelphus iniciou a tradução latina deste texto que foi mais tarde reconhecida com atualizações como “a quase extinta memória de Dion de Prusa” (WHITMARSH, 2006).

As últimas produções sobre a documentação de Dion Crisóstomo nos anos setenta e oitenta do Século XX se detém no seu *status* como representante da política provincial greco-romana. A análise feita pelos estudiosos do século XX sobre Dion Crisóstomo reflete a visão de um escritor engenhoso e ardil. Esta análise foi feita mais por entender este autor em um meio político-social que proporcionou um envolvimento levado pelas circunstâncias do que pela oportunidade. O artigo de John Moles (1978)

¹ Docente de História Antiga no Departamento de História da Faculdade de Ciências e Letras de Assis desde 2002. É doutora pelo Programa de Pós-Graduação em História pela mesma instituição em que atua.

sobre a sua ‘carreira e conversão’ propôs uma das mais decisivas conclusões, mostrando que Dion Crisóstomo era um falso adepto da autobiografia. Os últimos anos têm sido mais sensíveis tanto a Dion Crisóstomo como ao estilo literário e ao papel político da literatura em construir e modificar paradigmas recebidos das identidades helenísticas, particularmente localizada no início dos tempos imperiais. Os últimos tempos têm se mostrado propícios, então, para analisar a sofisticação e a sutileza presentes na documentação, assim como os conflitos de seu tempo. À luz do trabalho de Maud Gleason na antropologia da performance sofisticada, Dion Crisóstomo deve ser visto como um imperioso ator no cenário da política greco-romana, seus discursos estão plenos de excessivo estilo próprio e fazer-ou-morrer agonístico da política contemporânea e retórica epidítica (GLEASON *apud* WHITMARSH, 2006). Levando-se em consideração a produção internacional sobre o tema, este projeto de pesquisa está pautado na análise do pensamento filosófico e mítico presente nesta literatura.

Ao se fazer a abordagem da documentação, deve-se pensar nas mudanças do Principado no Século I d.C. e as relações entre Roma e a periferia do império. O pensamento político romano considera algum modelo tradicional de *virtus* como a construção de heróis que promovem identidades no imaginário coletivo, mas sob novos aspectos que não o ligam necessariamente às origens mais remotas, àquele passado mitológico e heróico. Muitas vezes, esse passado mitológico pode estar mais próximo e presente no imaginário coletivo do que temporalmente. Têm-se presentes estes elementos do imaginário coletivo como forma de ferramenta retórica e política nos *Discursos* de Dion Crisóstomo e, por meio do estudo do vocabulário que eles contêm, é possível identificar as figuras presentes nesse imaginário. Louis Robert (1965, p. 209, 212, 222) acentua o interesse e a importância do estudo do vocabulário da época imperial para definir a ideologia cívica, moral, religiosa e familiar da sociedade grega nos primeiros séculos de nossa era, considerando tais inscrições “matéria e fonte da filologia, da história da língua, como da história das instituições, das idéias e dos sentimentos...”. (WITHMARSH, 2006, p. 235)

Esses documentos têm sua origem na literatura filosófica e política dos séculos V e IV a.C. (*Idem*, 2006, p. 212), que influencia sobretudo as idéias filosóficas e políticas do século I d. C. Eles carregam todos os sentidos que são demonstrados nos

trabalhos dos moralistas, retóricos e filósofos que estão freqüentemente distantes do domínio da história.

O vocabulário moral da vida cívica é inseparável da representação filosófica e metafísica do mundo que está ao redor. O estoicismo pode ter possibilitado compreender a sua importância. Os *Discursos* de Dion Crisóstomo refletem esta ideologia sob a forma de conselhos morais.

Estudar a obra de Dion Crisóstomo significa recuperar a história das províncias romanas do oriente do Mar Mediterrâneo dois primeiros séculos do Principado romano.

Localizada no território da Ásia Menor, a Bitínia, onde fica a cidade de Prusa, cidade natal de Dion Crisóstomo, situa-se no litoral sudoeste do *Pontus Euxinus* na parte setentrional da Ásia Menor. Foi dominada pelos Aquemênidas e por Alexandre da Macedônia, tornou-se independente quando o trácio Zipoetes proclamou-se rei no ano 296 ou 295 a.C. Ao lado do Ponto, de Pérgamo e da Galácia, a Bitínia liderou uma aliança contra os Selêucidas da Babilônia. Foram fundadas várias cidades. Nicomedes IV transmitiu por herança o seu trono a Roma em 75 a.C. Essa província foi anexada finalmente por Roma quando Pompeu, em 64 a.C., criou a província senatorial do Ponto-Bitínia. Tornou-se província imperial na época do imperador Marco Aurélio, em meados do século II d.C.. A província do Ponto-Bitínia tem nas suas cercanias outras províncias como a Galácia, a Capadócia, a Armênia e a Ásia, e um pouco mais distantes a Lícia, a Panfília, a Mesopotâmia, a Trácia e a Macedônia.

Devido à grande influência da cultura helenística, os provincianos não foram “romanizados” no sentido imposto pela própria estrutura de dominação romana ao impor suas tradições. A cultura helenística presente nesta região foi amplamente respeitada pelos romanos. Houve a manutenção de seu “caráter grego”, principalmente com a manutenção das famosas escolas de filosofia. Algumas das cidades principais destas províncias, como Atenas, foram consideradas *Ciuitates liberae uel immunes*, ou seja, cidades livres.

A província do Ponto-Bitínia, internamente, era constituída de dois grupos de população diferentes, com duplo sistema de assembleias. Sob o domínio de Roma era só o governador, tendo ao seu lado, representando cada uma das populações, um *koinon*, um sacerdote e um presidente de jogos.

A estrutura urbana no mundo greco-oriental, localizado na Península Balcânica, Ásia Menor e Síria, manteve as mesmas bases sobre as quais foi montada. A presença romana não modificou o perfil das cidades, as quais apresentavam uma tradição milenar de culturas orientais que não se alteraram com a chegada das instituições municipais dos romanos.

A Bitínia e Dion Crisóstomo

Estudar a obra de Dion Crisóstomo representa um desafio enquanto tarefa para recuperar a realidade histórica, considerando principalmente que se trata de obra literária, revestida e recheada de componentes metafóricos, simbólicos, que expressam sob essa aparência não só a criatividade e a imaginação do autor. Significa também fazer a leitura que possibilite recuperar um momento da história da província do Ponto-Bitínia durante o governo do imperador Trajano (98-117). O período em que a obra foi produzida apresenta, no entanto, importante núcleo documental representado por outras obras literárias, mais direcionadas para a realidade social vivida, e pelas descobertas arqueológicas.

A combinação histórica mais marcante na definição do modo de vida das províncias orientais foi o largo emprego da língua grega e a preservação das estruturas mentais do Oriente. A chegada dos romanos não provocara mudanças estruturais. Ao contrário, adotando a prática do respeito às condições históricas das províncias integradas ao seu imenso corpo de conquistas, Roma buscou preservar as raízes provinciais como mecanismo de dominação. É o que ocorreu no Ponto-Bitínia, província onde Dion Crisóstomo era aristocrata, que teve assim a evolução das suas cidades no interior da dominação romana conservando as suas bases greco-orientais.

Outro ponto a destacar é o empenho de Roma para manter a unidade do império. A exploração das economias provinciais, mesmo adotando uma política fiscal mais rígida, sustentou-se no equilíbrio das forças entre si, isto é, do dominador e do dominado. Para manter relações regulares, Roma serviu-se de uma política diplomática que quase sempre se valeu das chamadas “forças vivas” locais, tidas como formadoras de opinião e capazes de assegurar a presença romana, na medida do possível, sem grandes traumas.

Neste caso, o mar Mediterrâneo teve papel destacado, tornando-se, desde o século I a.C., o *mare nostrum* dos romanos. Através dele alcançavam-se regiões as mais distantes, por vias complementares como o rio Nilo, no Egito, o mar Egeu, entre a Grécia e a Ásia Menor, a Propôntida, na entrada do mar Negro, e o próprio mar Negro. Esses caminhos, que eram os caminhos da vida econômica do império romano, levavam também aspectos das culturas ocidental e oriental.

Levando em conta todos esses aspectos indispensáveis à análise e à narração históricas é que se estuda Dion Crisóstomo. O período é o próprio período em que as obras foram produzidas: segunda metade do século I e as duas primeiras décadas do século II d.C. O eixo cronológico é o corresponde aos dois primeiros séculos de nossa era, pois é nesse intervalo que os *Discursos* de Dion Crisóstomo ganham forma.

É certo que as cidades bitinianas enfrentavam problemas políticos internos, os quais podem ser bem apreendidos no Livro X, que contém as *Cartas* que Plínio, o Jovem escreveu a Trajano e as respectivas respostas do imperador. Os problemas vinham ocorrendo desde o governo de Vespasiano (69-79 d.C.), o que se pode observar através das obras de Tácito, e se arrastaram até Marco Aurélio, encontrando seu epiceno na época de Domiciano (81-96 d.C.), período em que Dion Crisostomo foi exilado. Tais problemas consistiam principalmente em atritos entre as cidades, que disputavam a hegemonia regional, a adoção, da parte de alguns imperadores, de uma política de perseguições que atingiu intelectuais e filósofos, principalmente os de origem grega, como é o caso de Dion Crisóstomo.

Dion Crisóstomo nasceu na cidade de Prusa, localizada na província romana do Ponto-Bitínia, na região do Mar Negro, por volta do ano 40 d.C. Seu avô materno pertencia à classe litúrgica de Prusa “e gastou toda sua herança em *beneficia* cívicos” (BARRY, p. 84, 1993).

Mesmo assim, amealhou uma segunda fortuna, como afirma Dion Crisóstomo, “pelo seu aprendizado e pelo favor imperial” (*Discurso* 46.3.).

Seu pai, Pasícrates, possuía terras de pastagem, vinhedos, imóveis urbanos e outras propriedades rurais. A fortuna pessoal de Pasicrates, no entanto, não foi suficiente para sustentar suas atividades de patronato e ele acumulou dívidas durante a vida, o que obrigou os filhos, incluindo Dion Crisóstomo (CHRYSOSTOM, 1971. p. IX), a resgatá-las após a sua morte [Discurso 46.3.].

“Pois meu pai deixou-nos uma propriedade que, embora reputada por ser grande, era pequena em valor, sim, muito menos do que a dos outros; isto que não menos do que quatrocentos mil dracmas estavam em contas a pagar, além disso negócios estrangeiros arriscados de tal natureza que foram mais incômodos do que as contas” (*Discurso* 46.5.).

Dada a sua origem aristocrática, os pais eram cidadãos romanos, Dion Crisóstomo recebeu boa educação, aprendendo desde cedo a arte da retórica, que ele soube usar durante toda a vida. Para tanto, passou parte de sua juventude na cidade de Roma, onde reuniu muitos amigos e aprendeu a ser sofista, opondo-se aos filósofos. Opôs-se inicialmente ao estóico Musonius, de quem vai tornar-se grande amigo mais tarde, sendo até convertido ao estoicismo. Durante o governo de Vespasiano (69-80), Dion Crisóstomo viajou por várias partes do mundo romano. Retornou a Roma no início do governo de Domiciano (82-96), a quem fez severas críticas, e, por essa razão, foi banido da Urbe e da península itálica, sendo proibido também de permanecer em sua província de origem, a Bitínia. Passou a viver de modo bastante frugal, viajando de uma parte a outras, obrigando-se a realizar trabalhos manuais, a ponto de sua condição de vida miserável ter-lhe prejudicado sobremaneira a saúde.

Após a morte de Domiciano, em 96, o exílio de Dion Crisóstomo terminou. Antes de retornar a Roma, no verão do ano de 97, ele proferiu um discurso de abertura na realização da assembléia dos gregos em Olympia. Uma vez em Roma, foi recebido pelo *vetus* imperador Nerva. O contato com o *princeps* possibilitou a Dion Crisóstomo reivindicar benefícios aos habitantes de Prusa,

“...mas foi impedido pela doença [de Nerva] de alcançar pleno sucesso. Ele retornou, contudo, a Prusa com a notícias de que tais favores estavam garantidos e então encabeçou uma embaixada enviada pelos cidadãos para exprimir seus agradecimentos ao Imperador. Essa embaixada, entretanto, encontrou Nerva morto e Trajano Imperador em seu lugar” (*Ibidem*, p. X-XI).

O contato com o imperador Trajano, em 98 ou 99, deu a Dion Crisóstomo nova oportunidade de estreitar ligações com o *princeps*, tal como ocorrera com Nerva. Antes de Trajano partir para a campanha da Dácia, Dion Crisóstomo recebeu dele os favores reivindicados para Prusa. Depois disso, de Roma Dion viajou para Alexandria e outras localidades do oriente, voltando depois para sua cidade natal, já no final do ano 99 ou início do ano 100. Em Prusa, Dion Crisóstomo, por conta própria, cuidou de urbanizar sua cidade oferecendo-lhe melhorias que lhe custaram dinheiro e aborrecimentos pessoais. Para dar conta dessas melhorias, foram demolidas algumas construções da

cidade, o que custou a Dion Crisóstomo um processo. Plínio, o Jovem, que foi *legatus pro praetore* do Ponto-Bitínia nos anos 111-112, interveio nesse processo junto ao *princeps* Trajano: “Dion Cocceianus, ao que parece, quis, numa reunião da *boulé*, que um edifício público, que foi erigido às suas custas, fosse ser transmitido formalmente à cidade” (Carta X.81).

Uma das razões do desejo de Dion Crisóstomo, possivelmente a mais forte, se acreditarmos em Plínio, o Jovem, é que “...havia no mesmo monumento a estátua e os corpos inumados (os da mulher de Dion e de seu filho)...” (Carta X.81.2).

Em sua cidade natal, Dion Crisóstomo era membro do conselho local e também do conselho de representantes provinciais bitinianos. Além disso, foi cidadão honorário da assembleia de Apaméia e de outras cidades da região. Tal prestígio pessoal aproximou Dion Crisóstomo de pessoas públicas poderosas, como o governador da província do Ponto-Bitínia, o sátrapas do Irã, e reis, e de homens privados (*Discurso 7*).

Graças ao seu nascimento e por ser homem rico e de posição política destacada, Dion Crisóstomo teve ótimo relacionamento com seus compatriotas de Prusa. Como aristocrata, ele precisava de sua comunidade. As honras formais e informais oferecidas pelos concidadãos -o aplauso, as magistraturas, as estátuas, os santuários, os jogos funerários- constituíam o prêmio material e espiritual dos aristocratas, os quais retribuía por meio de presentes na forma de liturgias cívicas e do exercício de influência política em favor de sua terra natal. Essa simbiose social-política é revelada por Dion Crisóstomo quando ele se vangloria dos benefícios à cidade de Prusa (*Discurso 45*).

Por outro lado, Dion Crisóstomo registra a rivalidade entre as cidades bitinianas. Entre Nicéia e Nicomédia, e entre Prusa e Apaméia (*Discurso 41*). Essas rivalidades fazem com que Prusa receba tratamento especial de Dion Crisóstomo através da construção de imagens generosas da cidade, a ponto de elevá-la ao nível de líder das cidades e cabeça de uma federação, mesmo afirmando que “Embora Prusa não seja a maior das nossas cidades e não tem sido calma por longo tempo, ela é mais ilustre do que muitas igualmente estimada do outro lado do mundo”(*Discurso 44*).

Dion Crisóstomo comenta ainda que Prusa era uma cidade cheia de cabanas e casebres e esse quadro serviu de forte incentivo às suas atitudes evergéticas (*Discurso 40*).

Dion Crisóstomo morreu, ao que parece, por volta do ano 120.

Dos *Discursos* de Dion Crisóstomo, oitenta chegaram até os dias de hoje. Eles não estão distribuídos de modo sistemático e não foram arranjados tematicamente. Pode-se observar pequenos grupos de *Discursos* esparsos nos livros, os quais, reunidos, possibilitam fixar pequenos eixos temáticos.

O conteúdo dos discursos filosóficos, objetos desta pesquisa, pode ser separado em mais duas categorias: os discursos sofistas e os discursos morais.

Os discursos sofistas são apresentados em duas vertentes. A primeira é de natureza polêmica: “Tróia não foi capturada pelos gregos”, “Elogio do cabelo”, “Elogio de um papagaio” e “Louvor a um mosquito”. A segunda apresenta temas relacionados com aspectos da tradição heróica dos gregos: “Homero”, “Sócrates”, “Homero e Sócrates”, “O retrato de Homero de Nestor”, “Um diálogo entre Aquiles e Cheiron”, “Filotetes”, “Uma paráfrase”, “Olímpico (primeira concepção do homem sobre deus)”. A estes últimos será dada uma atenção especial no que concerne à utilização das imagens helênicas presentes no interior dos discursos para evocar o sentimento grego de identidade e união. Vale lembrar que este recurso foi amplamente utilizado no período helenístico para conclamar os gregos a seguirem Alexandre, o Grande em direção às conquistas do Oriente. Completam esse grupo dos discursos morais algumas peças em que Dion Crisóstomo formula princípios quanto à “Realeza”, à “Tiranía”, à “Virtude”, ao “Banimento”, à “Paz e a Guerra”, à “Escravidão e Liberdade”, aos “Escravos”, à “Dor e a Angústia do Espírito”, “Cobiça”, à “Beleza”, à “Felicidade”, à “Deliberação”, ao “O homem sábio é feliz”, ao “Encaminhamento do espírito” e ao “Recolhimento”.

Pode-se ainda classificar outro pequeno grupo de *Discursos* cujos temas centrais remetem para as inquietações de Dion Crisóstomo sobre a arte de falar –“Treinamento para falar em público”, sobre o saber ouvir –“Afeição do autor por escutar”, sobre a “defesa de seu registro”, sobre a “resposta a Diodorus”, sobre “Uma avaliação da tríade trágica” e sobre “Uma interpretação da história de Deianeira”.

O conteúdo do discurso reflete a produção cultural secular do helenismo combinando-a com a *romanidade* no terreno das instituições, das práticas religiosas, das concepções filosóficas, dos costumes e da Paidéia.

O apego à tradição, principalmente à tradição familiar, constitui forte contribuição. Neste sentido, a análise do mito se mostra fundamental como instrumento

de abordagem dos *Discursos*. Seguindo a definição de Jean-Pierre Vernant, adota-se este caráter diante da definição de mito proposta pelo historiador francês:

“[o mito] é um relato tradicional suficientemente importante para ser conservado e transmitido de geração em geração no interior de uma cultura, e que relata as ações de deuses, de heróis ou seres lendários cuja ação situa-se num outro tempo que não nosso, no “tempo antigo”, um passado diferente daquele que trata a pesquisa histórica.”(FUNARI, s/d)

Uma análise do discurso político, como é o caso de alguns dos *Discursos*, demonstra que a linguagem filosófica, com todo o seu processo retórico, é ela mesma uma ferramenta ideológica que permite entender o imaginário coletivo dos habitantes do Império Romano. As análises das metáforas e das comparações, que parecem ser particularmente significativas sobre o discurso ideológico de Dion Crisóstomo, colocam em evidência a sua maneira de utilizar a retórica para buscas, na tradição de várias correntes filosóficas, as identidades helênicas e helenísticas, compatíveis com as novas estruturas sociais e políticas que permitem aos gregos das cidades ao mesmo tempo acreditarem em si mesmos e se sentirem livres no Império Romano.

Segundo Susanne Saïd, o significado do *muthos* nos *Discursos* de Dion de Prusa não é de fácil definir. Não há puro contraste entre *muthos* e *logos*. Longe de opor as duas palavras, Dion de Prusa freqüentemente as escolhe ou as usa como sinônimos. Assim os mitos podem algumas vezes recapitular e amplificar argumentos anteriores. Não há nenhuma oposição sistemática entre *muthos* (‘ficção’) ou *historia* (história). Adicionalmente, Dion de Prusa freqüentemente vincula exemplos mitológicos e históricos. No diálogo Sobre Escravidão e Liberdade II, ele põe juntos heróis míticos (Zetos e Anfión, Eneus, Eumeus) e caracteres históricos (as crianças atenienses presas pelos siracusenses e o filho do rico Cálías). Em Sobre Verdade a única distinção entre Dionísio o Jovem, Dario ou Antígono, e Atreu ou Agamenon é apenas cronológica. Então, Dion de Prusa toma o partido dos antigos historiadores que definem o mito como a lembrança dos mais antigos tempos, enquanto a história trata do passado mais recente e inicia com a Guerra de Tróia (Diodoro) ou o retorno de Heracleidae (Éforo seguindo Hecateu).

Para melhor compreender e analisar os aspectos da linguagem em Dion Crisóstomo, propõe-se uma teoria lingüística que ofereça subsídios teóricos e práticos para a análise. O trabalho com discurso significa navegar pela teoria lingüística, mesmo

considerando que a tarefa do historiador não tenha por objetivo a análise lingüística. Todavia, é preciso entender o mecanismo da linguagem, a sua estrutura funcional e as várias formas de análise que oferecem elementos observáveis para compreender o momento e a forma em que o discurso foi produzido, o seu alcance na manutenção e afirmação na relação entre opinião pública e o *status quo*.

Quando se trata da leitura de um historiador, as imagens produzidas se historicizam, pois procurar compreendê-las contextualmente é, mais do que um hábito, um compromisso. Quando se chega a esse momento, já estão superados o ceticismo e a ignorância. O leitor avança num *logos* escolhido, já deu todas as chances ao texto, “[V]isto em seus níveis múltiplos, suas diversas linhas melódicas, suas rupturas também, retomadas, impasses, e como a expressão de uma ou de várias estratégias narrativas. (HARTOG, 1999, P.17).

O contato com a relação identidade-alteridade permite encontrar no texto lido toda a sua consistência, sua respiração, e vê-lo animar-se e ser posto em movimento. Semelhanças, vocabulário, cadência, memória, esquecimento, vida, morte, paixões, mitos, antimitos, heróis, anti-heróis são componentes indispensáveis ao texto literário, na medida em que ele representa igualmente, via de regra, a viagem realizada pelo autor. A mescla “do realmente acontecido” com o que “deveria acontecer” ou “teria acontecido” está presente na relação autor-texto quanto ao enredo. No caso de textos produzidos na Antigüidade Clássica, é de se observar que essa viagem acontece quase sempre da epopéia à história, envolvendo figuras heróicas, míticas, lendárias, com defeitos e virtudes humanos, entretanto de traços semidivinizados. Há, por assim dizer, uma narrativa que se coloca à frente do leitor e cabe a ele fazer essa identificação.

No que tange à proposição de análise das construções imagéticas e retóricas nos *Discursos*, adota-se a conceituação de identidades helenísticas perante a constituição e manutenção do Império Romano, especificamente no Principado. Parte-se do princípio de que a documentação de Dion Crisóstomo traz representações construídas a partir destas identidades.

A partir desta definição, pode-se relacionar a documentação à sua função social e política, diretamente vinculada ao papel de seu autor em relação à província do Ponto-Bitínia durante o seu exílio ou posterior a ele. Procurar-se-á analisar os *Discursos*, perante a temática filosófica e mítica, em relação às evocações de elementos resgatados

ou construídos de acordo com as identidades helênicas, helenísticas e romanas no I e II século d.C. A retórica pode ser objeto de análise deixando assim de estar a serviço apenas do enunciador e transformando-se em instrumento de defesa em relação à manipulação discursiva. Há ainda muito o que ser explorado nos Discursos de Dion Crisóstomo em relação a esta problemática. E convido aos que se interessarem sobre o assunto, a se debruçar sobre esta empreitada na análise de uma obra tão aberta a novas possibilidades historiográficas.

Referências

Fontes

ARISTÓTELES. Retórica. trad. Manuel Alexandre Júnior. Lisboa, Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa/ Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2005.

CHRYSOSTOM, Dio. Discourses. trad. J. W. Cohoon. 4. ed. Cambridge: University Press, 1971.

PLINY THE YOUNGER. Letters. trad. W. M. L. Hutchinson. Londres:, 1952.

Bibliografia

ANDERSON, Graham. The Second Sophistic: A Cultural phenomenon in the Roman Empire, Londres/Nova York, Routledge, 1993.

BOWERSOCK, Glen W. Augustus and the Greek world. Oxford: Clarendon Press, 1965.

_____. Greek sophists in the Roman Empire. Oxford: Clarendon Press, 1969.

_____. Le Culte des Souverains. Entretiens Hardt, 19. Geneva, 1973, 177-206.

BRANCACCI, Aldo. Rhetorike philosophousa : Dione Crisostomo nella cultura antica e bizantina. Roma : Bibliopolis, 1985.

BRUNT, P.A. Aspects of the social thought of Dio Chrysostom and of the stoics. Proc. of the Camb. Philol. Soc., 19, 9-34, 1973.

_____., “The Bubble of the Second Sophistic”, Bulletin of the Institute of Classical Studies, n. 39, 1994, p. 25-52.

CASSIN, Barbara. O Efeito Sofístico: Sofística, Filosofia, Retórica, Literatura. São Paulo, Editora 34, 2005.

DESIDERI, P. Dione di Prusa. Messina- Firenze, 1978.

DUBY, G. História Social e ideologia nas sociedades. In: LE GOFF, J. & NORA, P. História: Novos Problemas. Trad. Theo Santiago. 2a. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979. pp. 130-145.

ELIADE, Mircea. Mito e Realidade. 3. ed. trad. Pola Civeri. São Paulo: Perspectiva, 1991.

FUNARI, P. P. A. Review of Globalizing Roman Culture, by Richard Hingley. História e-História, v. 4/1/07, p. 01-03, 2007. p. 1.

_____. Textos Didáticos IFCH/UNICAMP. Fronteiras do Mito et alii. Texto digitalizado, 2008.

GLEASON, M.W. Making men: sophists and self-presentation in ancient Rome. Princeton, Princeton University Press, 1995.

HARTOG, François. O Espelho de Heródoto. Trad. Jacyntho Lins Brandão. Belo Horizonte, Ed. UFMG, 1999.

JAEGER, W. Paidéia. Trad. Artur M. Pereira. São Paulo, Martins Fontes, 1986.

JONES, C.P. "Towards a Chronology of Plutarch's Works", In: JRS, 56, 1966. pp. 61-74.

_____. The Roman World of Dio Chrysostom. Cambridge: Cambridge University Press, 1978.

_____. The Date of Dio of Prusa's Alexandrian Oration. Historia, 22, 302-309, 1973.

KENNEDY, George Alexander & NISBET, Hugh. The Cambridge history of literary criticism. Cambridge, Cambridge University Press, 1993.

MOLES, J.L. 'The career and conversion of Dio Chrysostom', JHS 98 (1978), 79-100.

NORA, P. Entre Memória e História. A problemática dos lugares. Projeto História. São Paulo, 10:9, dezembro de 1993.

OLIVEIRA, Andrea Lúcia Dorini. Princeps e Basileus em Dion Crisóstomo. Assis, 2001. Tese (Doutorado). Faculdade de Ciências e Letras de Assis – Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho".

_____. "História e Semiótica: A Alegoria no primeiro discurso da monarquia de Dion Crisóstomo". Pós-História. Assis: UNESP, 2000. p. 85-105.

QUET, M.-H. Rhétorique, culture et politique. Le fonctionnement du discours idéologique chez Dion de Pruse et dans les Moralia de Plutarque. Dialogues d'Histoire Ancienne. Besançon, 4, 1978.

ROBERT, L. "Voyages épigraphiques en Asie Mineure". Revue Philologique, Paris, 16, 1943.

_____. La Carie. Paris, 1954.

_____. Villes d'Asie Mineure. Paris, 1962.

_____. Hellenica, XIII, D'Aphrodisias à la Lycaonie. Paris, 1965.

_____. Des Carpathes à la Propontide. Studii Clasice, v. 16, 1974.

ROSSI, Andrea Lúcia Dorini de Oliveira Carvalho. Mitologia: abordagem metodológica para o Historiador da Antiguidade Clássica. *História*, 2007, vol.26, no.1, p.36-52.

ROSTOVTZEFF, M. *História de Roma*. 2a. Ed. Trad. Waltensir Dutra. Rio: Zahar, 1967.

SAÏD, Suzanne & TRÉDÉ, Monique. A short history of Greek literature. Londres/Nova York, Routledge, 1999.

SIDEBOTTOM, Harry. 'Dio of Prusa and the Flavian Dynasty', *Classical Quarterly* 46.2, 1996. p. 447-56.

_____. 'The Date of Dio of Prusa's Rhodian and Alexandrian Orations', *Historia*, 41, 1992. p. 407-19.

SWAIN, Simon. *Hellenism and Empire: Language, Classicism, and Power in the Greek World, AD 50-250*. Oxford, Oxford University Press, 1998.

_____. *Dio Chrysostom: Politics, Letters, and Philosophy*. Oxford, Oxford University Press, 2000.

VEYNE, Paul. *Acreditavam os gregos em seus mitos?* Campinas, Papirus, 1984.

WITHMARSH, Tim. "Reading power in Roman Greece: the paideia of Dio Chrysostom" In: TOO, Yun Lee e LIVINGSTONE, Niall, *Pedagogy and Power*. Cambridge University Press, 1998, pp. 192-213.

_____. *Greek literature and the Roman Empire - the politics of imitation*. London, Oxford University, 2004.

_____. *The second sophistic*. Cambridge, Cambridge University Press, 2005.